

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO I: OBSERVAÇÃO DE INTERAÇÕES EM SESSÃO
REALIZADA COM GRUPO DE ADOLESCENTES NA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS
DOS AUTISTAS (AMA) DE VIDEIRA**

SCHOFFEN, Roseli (1)

BIELLA, Isadora Pierdoná (2)

GRANDO, Heloyze (3)

DE AGUIAR, Giancarlo (4)

Resumo

Este trabalho constitui requisito do componente curricular Estágio I e objetiva discorrer sobre aspectos observados durante sessão realizada com grupo de adolescentes na AMA de Videira. A experiência buscou oportunizar um contato inicial com a prática profissional, através da observação, sem realização de intervenções diretas. Metodologicamente, para a composição do referencial teórico, constitui estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, onde se buscou fazer reflexões com base em literaturas existentes, selecionadas a partir do conteúdo temático. Para a observação em campo foi utilizada a técnica de amostragem intencional. Os registros foram realizados por meio da observação participante não interventiva. As anotações foram feitas de forma descritiva e sistemática e após descritas em forma de relatório, sem manipulação de dados. A experiência em campo, mesmo sem intervenções, possibilitou a percepção da importância do contato com a prática profissional para a formação do profissional. A observação sistemática coopera para o desenvolvimento do olhar clínico e reflexivo e, no caso deste estudo, amplia o entendimento sobre o trabalho realizado por psicólogos com pessoas com TEA.

Palavras-chave: Formação do psicólogo. Observação de campo. Transtorno de Espectro Autista.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui requisito parcial do componente curricular Estágio I e objetiva discorrer sobre aspectos observados durante sessão realizada com grupo de adolescentes na AMA de Videira. A experiência oportunizou um contato inicial com a prática profissional através da observação, sem realização de intervenções diretas.

Observar intervenções junto a indivíduos com Transtorno do Espectro Austista (TEA) oportuniza o desenvolvimento de análises e reflexões sobre as diferentes abordagens utilizadas com este público. Por não haver necessidade de assumir um papel ativo no processo, o acadêmico pode dedicar-se a observações que o levam a uma compreensão mais significativa da atuação do psicólogo nestes contextos.

Segundo a Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), o número de pessoas com o diagnóstico, no Brasil, é incerto. Estima-se ser de 1 caso para cada 44 nascimentos e de que haja mais de 2 milhões de pessoas com TEA. A FCEE ressalta que em breve esses dados devem ser mais precisos, pois a Lei 13.861 decretou a inserção de dados inerentes ao TEA no último censo realizado pelo IBGE, em 2022.

O atendimento a este público é de responsabilidade do poder público, todavia as lacunas nos atendimentos, como a oferta insuficiente e/ou fragmentada dos serviços, ou sua inacessibilidade, demandam que entidades do Terceiro Setor se mobilizem para auxiliar. As AMAs surgiram dessa realidade. Da necessidade um espaço que atenda seus usuários de forma humanizada. Se constituem como entidades beneficentes de cunho privado e sem fins lucrativos que buscam o a defesa de direitos, o desenvolvimento, a inclusão e a promoção de qualidade de vida dos Autistas, acolhendo e orientando também seus familiares.

Metodologicamente, para a composição do referencial teórico, constitui estudo bibliográfico de abordagem qualitativa, onde se buscou fazer reflexões com base em literaturas existentes, selecionadas a partir do conteúdo temático. Para a observação em campo foi utilizada a técnica de

amostragem intencional. Os registros foram realizados por meio da observação participante não interventiva. As anotações foram feitas de forma descritiva e sistemática e após descritas em forma de relatório, observando o protocolo sugerido no componente, sem manipulação de dados.

O grupo de trabalho para o Estágio I foi composto por Roseli Schoffen, Isadora Pierdoná Biella e Heloyze Grando, sendo este relatório, resultado das percepções, análises e construção conjunta das acadêmicas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Processos grupais

Para Lane (1984) um processo grupal não é apenas um grupo ou uma dinâmica de grupo. É algo complexo moldado numa relação histórica e dialética entre o indivíduo e a sociedade. Martins (2007) corrobora que o próprio grupo é uma experiência histórica, constituído num determinado espaço e tempo, e resultante de uma teia de relações cotidianas presentes na sociedade. "(...) o significado da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica que considere a sua inserção na sociedade, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas" (Lane, 1984, p. 81). Os elementos presentes nessas relações, e/ou formado por elas, são trazidas nos grupos, os quais revelam aspectos e vivências pessoais e subjetivas às características grupais, forjando uma realidade objetiva.

2.2 Contexto do campo

Compreende-se ser o ambiente de atuação do psicólogo e às determinantes destes espaços, como estruturas, normas, valores e relações de poder, entre outras, as quais direcionam a prática deste profissional e influenciam comportamentos, relacionamentos e modos de subjetivação dos sujeitos que integram este campo (Lane, 1984). Para Pichon-Rivière (2009) o contexto de campo abarca um espaço ativo de relações, onde o ser humano se constrói como sujeito e age a partir de conexões estabelecidas com os

outros, com as atividades deste campo e com os ditames da organização e/ou instituição de pertencimento, se configurando num sistema bastante dinâmico, no qual perpassam forças históricas, sociais, afetivas e subjetivas. Segundo Zanelli et al. (2014) os contextos de campo organizacional podem ser empresas, organizações não governamentais (ONGs), hospitais, escolas (enquanto organização empregadora), entre outras. Já contexto de campo institucional, podem ser escolas (enquanto instituição de ensino), casas de custódia e sistemas de justiça, saúde pública, prisional e de assistência social, entre outras.

2.3 Processos grupais no contexto do campo

No contexto do campo, os processos grupais podem ter objetivos variados, como ampliar a interação entre as pessoas, promover o crescimento pessoal e coletivo e/ou a aprendizagem. Aprender em grupo exige uma leitura mais crítica da realidade e para que ocorra de forma a trazer bons resultados, requer uma postura analítica, um questionamento de "certezas" e uma abertura para novas inquietações. Nesses processos, o sujeito pode referenciar-se nos pares, encontrar-se, diferenciar-se ou opor-se a eles e, transformar e ser transformado por estes (Bastos, 2010). Lane (1984), lembra que nos processos grupais, um grupo não pode ser analisado de forma isolada, devendo ser compreendido dentro de um sistema amplo, permeado de uma trama de fatores externos e internos que, em maior ou menor grau, são determinantes na construção da subjetividade coletiva.

2.4 Fundamentação sobre o fenômeno observado

O fenômeno principal a ser observado no contexto de campo, para fins deste trabalho, refere-se às dinâmicas de interação e socialização de adolescentes com TEA em contexto grupal. A fase da adolescência é marcada por grandes transformações fisiológicas, emocionais e sociais, e, para pessoas com TEA, esses desafios podem ser muito maiores em razão das especificidades do próprio transtorno, as quais são variáveis no grau e compreendem dificuldades na comunicação e interação social,

comportamentos e sensibilidade sensorial. Para Nascimento et al. (2021) o psicólogo pode ter grandes desafios ao trabalhar processos grupais no contexto do campo com adolescentes autistas. Entre os fatores citados que podem impactar a atuação deste profissional, neste contexto, estão os aspectos físicos, cognitivos, emocionais, comunicativos e as dificuldades relativas ao autista no âmbito social.

2.5 Atuação do psicólogo no contexto do campo

A atuação do psicólogo no contexto do campo, precisa ser balizada por uma escuta qualificada, um olhar curioso e global e uma postura ética, de forma a promover a saúde mental dos indivíduos, o fortalecimento de vínculos, atuando também na mediação de conflitos, construção de espaços de escuta coletiva e na articulação de redes de apoio. Para tanto, o profissional precisa considerar as relações aparentes e subjacentes ao contexto de campo observado, qualquer que seja este campo (Lane, 1984). No contexto de campo onde os processos grupais são com indivíduos autistas o profissional precisa compreender também as características específicas desse público, com os quais, muitas vezes pode ser bastante desafiador trabalhar (Nascimento et al., 2021).

3 DESCRIÇÃO DO LOCAL

A AMA de Videira está localizada na rua Nicolau Cavon, 160, 2º andar – Sala 1 – Centro (Imagem 1). É um espaço amplo, com 13 salas destinadas a atendimentos com fisioterapeutas, pedagogas, psicopedagogas, psicomotricista e psicólogas e para realização de oficinas como de culinária, por exemplo. Horário de atendimento ao público da AMA Videira é das 07:30h às 11:30h e das 13:00h às 17:00h, de segunda a sexta-feira. Atualmente, abril de 2025, a organização atende 38 usuários diretos, com laudo de TEA, mais seus familiares, sendo estes residentes nos municípios de Videira, Iomerê, Tangará, Pinheiro Preto e Rio das Antas. A equipe da AMA Videira é formada por 17 profissionais de Nível Superior, sendo: 1 coordenadora pedagógica, 8

pedagogas, 3 psicólogas, 1 psicomotricista, 2 fisioterapeutas, 1 assistente social e 1 administradora.

4 PSICÓLOGO

Função do psicólogo: O trabalho do psicólogo, segundo Ignacio Martín-Baró (2007) deve ser adaptado às realidades da população atendida. Mesmo que não consiga resolver todas as demandas, pode auxiliar o paciente a lidar com seus problemas por meio do autoconhecimento e técnicas de controle, promovendo novas formas de pensar e agir. O autor enfatiza que o psicólogo contribui para o saber científico da psicologia através da observação, descrição e análise de aspectos como crescimento, inteligência, aprendizagem e personalidade. Ele considera as influências hereditárias, ambientais e psicossociais no comportamento humano, tanto na dinâmica interna quanto nas relações sociais, orientando-se para o psicodiagnóstico e o apoio psicológico. Além disso, o psicólogo atua na proteção e tratamento de distúrbios psíquicos, visando ao crescimento psicossocial.

Conhecimentos e competências necessárias a função: Segundo Bock et al. (2021), o profissional precisa ter conhecimento sobre as diferentes linhas e/ou abordagens teóricas da psicologia, sobre as psicopatologias, sobre as etapas do desenvolvimento físico, emocional e cognitivo do ser humano ao longo da vida, sobre métodos de avaliações e intervenções psicológicas, bem como sobre ética profissional, legislação, políticas públicas e contextos sociais. Sobre as competências necessárias, destacam a empatia e escuta ativa, capacidade de interpretar e entender o comportamento do seu paciente de forma técnica e contextualizada, possuir uma comunicação clara, objetiva e eficiente, ser capaz de tomar decisões de forma ética, entre outros.

Facilidades e dificuldades da prática profissional: A psicologia dá um grande leque de opções profissionais, ao mesmo tempo o curso possibilita a pessoa a conhecer mais de si mesmo, quando estuda o comportamento humano, trazendo satisfação pessoal ao ajudar pessoas a melhorar sua saúde

(Bock et al., 2021). Contudo, traz dificuldades, como o peso emocional de ajudar pacientes em estados difíceis, a complicação dos temas psicológicos que atrapalha estudos e resultados seguros, e a opiniões diferentes no estudo da mente humana, que normalmente cria discussões e discordâncias entre especialistas. Além disso, o estigma ainda ligado à saúde mental pode atrapalhar a confiança na área (Bock et al., 2021).

Demandas emergentes ou urgentes: A prática da psique tem novas solicitações que vão além das áreas normais (clínica, escolar, empresarial e social), precisando uma aprendizagem que use muitas ciências juntos e a adaptação a novos cenários sociais. Entretanto os currículos ainda dão mais valor a um modelo geral com descontentamento comum em relação à formação básica nos pontos científicos e metodológicos. Mesmo que exista força para colocar matérias específicas sobre essas novas necessidades - como psicologia do direito saúde geral ou neuropsicologia - a maneira não seria apenas aumentar conteúdos, mas repensar a organização do currículo para unir formação científica e prática incentivando uma postura investigativa e crítica no aluno (Guareschi, 2005; Bock et al., 2021).

5. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

O Estágio I, na AMA de Videira, foi realizado em 3 dias: no 1º dia, 7/4/2025, das 13h às 15h, feito reconhecimento do local e tratado de assuntos relacionados ao estágio; no 2º dia, 24/4/2025, das 14h45m às 17h15m, realizado as observações da intervenção com o grupo; no 3º dia, 8/5/2025, das 13h30m às 17h00m, realizado aplicação de questionário para a Psicóloga e nova observação do ambiente físico.

5.1 Reconhecimento do local

Na 1ª visita à AMA, as estagiárias conheceram o local e alinharam informações iniciais sobre o estágio. A responsável, Sra. Carliza Fiabane, apresentou brevemente os ambientes, sem que adentrassem nas salas. Foi possível observar que as salas estavam bem organizadas e limpas, com

paredes e mobiliário em cores suaves, contrastando com elementos coloridos de estímulo sensorial. A disposição do mobiliário proporcionava uma sensação de acolhimento, organização e estímulos controlados. O espaço conta com 15 ambientes destinados a diversas atividades.

As estagiárias foram apresentadas à equipe técnica, composta por 1 coordenadora pedagógica, 4 pedagogas e 1 psicóloga. A psicóloga Sthefhany Fachim, responsável por acompanhar as estagiárias, explicou que os atendimentos são individuais para crianças até 12 anos e em grupo para adolescentes e adultos. Ela sugeriu que as estagiárias acompanhassem as oficinas terapêuticas realizadas às quintas-feiras, às 15h, com um grupo de adolescentes com TEA.

5.2 Observação

Objetivo: Observar as interações dos participantes durante uma sessão terapêutica realizada com um grupo de adolescentes na AMA de Videira. Ademais, houve interesses específicos em analisar a atuação da psicóloga responsável pela condução da sessão. Assim, buscou-se observar as técnicas e abordagens utilizadas para facilitar a comunicação entre os participantes; suas intervenções frente às necessidades individuais dos membros do grupo; e sua forma de gerenciamento da dinâmica grupal, especialmente em situações de desconforto emocional e/ou conflitos.

Diagrama: Devido à amplitude da estrutura física da instituição não foi possível elaborar um diagrama completo de todo seu espaço físico. Porém, para melhor compreensão do contexto, apresenta-se, ao final deste relatório, o diagrama da sala onde ocorreu a sessão com o grupo (Imagem 5).

Os sujeitos: A observação teve início com a presença de 4 adolescentes diagnosticados com TEA, com idades entre 14 e 17 anos, 3 meninos e 1 menina. Para fins de confidencialidade, os participantes são identificados neste pelas letras A, B, C e D. Quanto as profissionais envolvidas nas atividades observadas, eram 4, todas do sexo feminino, sendo: 1 psicóloga, 1 psicopedagoga e 2 pedagogas, neste relatório identificadas como pedagoga 1 e pedagoga 2.

Ambiente social: A sessão foi composta por um grupo de 4 adolescentes diagnosticados com TEA, acompanhados por 1 psicóloga, 1 psicopedagoga e 2 pedagogas. A interação entre os participantes ocorreu de forma respeitosa, ainda que marcada por diferentes níveis de engajamento e comunicação. A psicóloga demonstrou sensibilidade e flexibilidade ao conduzir as atividades, promovendo um clima de acolhimento e segurança. As demais profissionais atuaram de maneira complementar, oferecendo suporte aos participantes sempre que necessário, o que contribuiu para a manutenção da organização do grupo e para o envolvimento dos adolescentes nas propostas. A atuação integrada da equipe contribuiu para o bom andamento da sessão. De modo geral, o ambiente social mostrou-se colaborativo, estruturado e sensível às necessidades dos envolvidos.

Técnica de amostragem e registro: Para a observação em campo foi utilizada a técnica de amostragem intencional. Os registros foram realizados por meio da observação participante não interventiva. As anotações foram feitas de forma descritiva e sistemática e após descritas em forma de relatório, sem manipulação de dados.

Registro: Os adolescentes chegaram e sentaram-se em cadeiras disponíveis em volta de duas mesas unidas e dispostas perto de um canto da sala. A psicóloga apresentou as estagiárias, as quais mantiveram uma postura reservada, a fim de evitar possíveis situações de estresse, considerando as especificidades do TEA. Posicionaram-se ao fundo da sala, sentadas, onde realizaram os registros das observações sem qualquer interferência. Os sujeitos observados sentaram nas cadeiras conforme disposto na Imagem 6.

Seguindo, a psicóloga apresentou um novo colega, gerando certa inquietação entre os demais que nada fararam; B, C e D se entreolharam rapidamente e repetidas vezes. A psicopedagoga explicou as estagiárias que a dinâmica do dia, "Olhos Vendados", foi escolhida com o objetivo de promover a confiança e fortalecer os vínculos entre os pares. Para a dinâmica, os adolescentes deveriam escolher alguém em quem confiassem para guiá-lo ou para ser guiado com os olhos vendados. O participante vendado deveria percorrer um trajeto com obstáculos, cones cordas e elevações,

sendo orientado verbalmente por seu par. O desafio era completar o percurso sem tocar em nenhum dos obstáculos. Ao final, o participante deveria pegar uma letra sob um balcão e colocar a letra sobre a mesa. Ao final de todas as rodadas, as letras juntas formariam a palavra "CONFIANÇA".

A, recém-integrado ao grupo, permaneceu sentado durante toda a atividade. Mantinha as mãos sobre as pernas, realizando pequenos movimentos com os dedos, e apresentava um leve balanço do tronco para frente e para trás. Seu olhar permanecia voltado à frente, com a cabeça levemente abaixada, ocasionalmente olhando discretamente para os lados. Sua expressão facial se manteve constante, com um leve sorriso discreto. Mesmo quando questionado o adolescente não verbalizou respostas; intensificava o sorriso quando feito algum questionamento mais pessoal, mas ainda de forma sutil. Com pequenas variações, manteve o comportamento descrito durante toda a observação.

B permaneceu sentado durante todo o período. Não participou da dinâmica. Interagiu mais com o colega C que estava sentado à sua esquerda. Com as profissionais interagia minimamente, limitando-se a gestos com a cabeça: balançava para cima e para baixo em sinal de afirmação e de um lado para o outro para sinalizar negação, quando questionado; com o colega C, no entanto, trocou algumas palavras em tom baixo, algumas vezes; em três momentos distintos B e C fizeram pequenas brincadeiras entre si, batendo um na perna do outro e rindo.

C sugere que a próxima a participar da atividade seja a pedagoga 1; que ela seja vendada e que ele e a adolescente D a guie. Ambos, C e D, vão orientando a professora; D possui senso de lado esquerdo e lado direito, pois conduzia a professora deste modo. Algumas vezes a professora conseguiu desviar dos obstáculos; C avisa que tem uma corda logo à frente e pede para a professora se abaixar a qual se inclina abruptamente para baixo, C e D dão muita risada quando a professora bate em algum obstáculo; a professora conclui o percurso e o adolescente C sugere que a pedagoga 1 guie a colega e D; a mesma concorda dizendo: "Vou fazer com a professora porque

confio nela... porque a gente tem que fazer dupla com uma pessoa que confia", sendo apoiada pelas profissionais presentes.

A professora 1 orientou a adolescente D com comandos específicos, permitindo que ela completasse o percurso com sucesso. No final, o adolescente C interagiu de forma lúdica, levantando a letra para que D, vendada, a pegasse, gerando risos entre os participantes. Como nem todas as letras foram coletadas durante a atividade, a psicóloga adicionou as faltantes, e C e D montaram a palavra "CONFIANÇA" com facilidade. Ambos responderam verbalmente às perguntas das professoras sobre a experiência, enquanto B comunicava-se por gestos e A permaneceu sem interagir.

Em seguida, a psicóloga solicitou que cada adolescente e profissional amassasse uma folha de papel A4 enquanto pensava em alguém que tivesse traído sua confiança. As reações variaram: alguns adolescentes hesitaram, amassando lentamente; outros seguiram o exemplo dos colegas e amassaram com mais vigor; A não participou da atividade, mantendo os movimentos já descritos. Após a atividade, todos foram instruídos a desamassar as folhas. A psicopedagoga então destacou que, mesmo desamassadas, as folhas não retornavam ao seu estado original, simbolizando como a confiança, uma vez quebrada, deixa marcas permanentes. A dinâmica foi concluída com uma reflexão sobre a importância de preservar e valorizar os vínculos de confiança.

5.3 Entrevista com a psicóloga responsável

No 3º dia de visita foi realizada entrevista com a psicóloga Sthefhany Fachim, de 27 anos, formada há 4 anos, na instituição há 1 ano, onde oferece apoio psicológico e orientação para indivíduos com TEA e para suas famílias.

Para a profissional, o principal desafio em trabalhar com pessoas com TEA é compreender e adaptar-se às necessidades de cada um, considerando suas características. Enfatiza a importância de personalizar as intervenções, adaptando a condução e o ambiente, como reorganização de espaços e diminuição de estímulos sensoriais, para atender às necessidades específicas de cada indivíduo. Relata que utiliza métodos como a Terapia Comportamental Aplicada para reforçar comportamentos positivos e o

modelo TEACCH, que trabalha com organização e estrutura visual; além de recursos visuais, livros sobre temas emergentes, jogos terapêuticos e que integra técnicas de Mindfulness para auxiliar na regulação emocional. Diante de crises e comportamentos desafiadores, relata a necessidade de manter a calma, garantir um ambiente seguro e identificar possíveis causas, como sobrecarga sensorial ou frustração. Se a situação permitir, aplica estratégias de regulação emocional, como técnicas de respiração ou redirecionamento.

A psicóloga ressalta a importância do trabalho conjunto com as famílias, oferecendo suporte emocional e orientação para que compreendam melhor o TEA e apliquem estratégias no dia a dia, além de oferecer suporte emocional diante dos desafios enfrentados, como o luto por expectativas não atendidas e a adaptação a novas rotinas. Destaca a necessidade de intervenções precoces e personalizadas, além de abordar comorbidades como ansiedade e depressão em adolescentes com TEA e enfatiza a urgência de promover uma inclusão escolar mais efetiva para esse público.

Quanto às habilidades essenciais para psicólogos que desejam atuar com o público, enfatiza a necessidade de paciência, empatia e flexibilidade e a necessidade de estar sempre atualizado sobre as melhores práticas terapêuticas. Entre as dificuldades, menciona a comunicação limitada, que pode gerar frustração, e a resistência a mudanças, dificultando a adaptação a novos ambientes ou rotinas. Por outro lado, ela destaca aspectos positivos, como a alta capacidade de concentração em tarefas de interesse e a eficácia do reforço positivo no desenvolvimento de habilidades e comportamentos desejáveis.

Finalizando, Sthefhany aponta demandas emergentes na prática psicológica com esse público, como a necessidade crescente de intervenções precoces individualizadas e do trabalho com as famílias para melhorar a qualidade de vida e a inclusão social. Destaca a urgência em lidar com o aumento de comorbidades, como ansiedade e depressão em adolescentes com TEA e a importância de promover uma inclusão escolar mais efetiva.

3 CONCLUSÃO

Em observação realizada verificou-se uma variedade de interações entre os participantes. Em síntese, os adolescentes C e D demonstraram maior envolvimento com as atividades propostas, interagindo de forma espontânea entre si e com os profissionais. B manteve uma postura reservada, interagindo pontualmente com o colega C e respondendo aos profissionais por meio de gestos, enquanto o adolescente A permaneceu em silêncio e não participou das atividades, contudo manteve-se atento ao ambiente, demonstrando certo interesse por meio de olhares e sorrisos discretos.

A psicóloga utilizou abordagens lúdicas e relacionais para facilitar a comunicação entre os participantes; propôs atividades que favoreceram o fortalecimento de vínculos e o desenvolvimento da confiança interpessoal, especialmente com a chegada de um novo integrante ao grupo. A condução da psicóloga, auxiliada pelas demais profissionais, promoveu um ambiente de colaboração e de respeito aos limites individuais sem forçar participação.

A entrevista com a psicóloga também proporcionou um entendimento mais aprofundado sobre a atuação psicológica junto a pessoas com TEA. Seus relatos revelam a complexidade e a importância de um trabalho que exige conhecimento técnico, sensibilidade, empatia e olhar atento para perceber as adaptações, individuais e coletivas, necessárias. A prática da psicologia se mostrou multifacetada e essencial para a orientação de familiares e promoção do desenvolvimento, bem-estar e inclusão das pessoas com TEA.

As observações de campo, possibilitam que o acadêmico estabeleça uma relação entre teorias estudadas e prática profissional, sendo uma espécie de laboratório da profissão. Constitui-se em momento de validação do aprendizado teórico em confronto com a realidade onde o estudante pode perceber as diferenças existentes entre o ideal e o real, enriquecendo sua formação acadêmica.

Observar as atividades propostas, as interações e estratégias utilizadas, possibilitou perceber a importância da escuta ativa, da observação atenta, mesmo a pequenas nuances de comportamentos e, dentro disso, do acolhimento das necessidades individuais e das adaptações realizadas frente a essas necessidades.

O trabalho de Estágio I ainda viabilizou a compreensão da importância de uma atuação interdisciplinar e do desenvolvimento do vínculo entre psicólogo e paciente, levando a acadêmica a perceber não apenas os desafios, mas também as potencialidades do trabalho junto ao público TEA.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DOS AUTISTAS (AMA) DE VIDEIRA. Videira, 2025. Disponível em: <https://amavideira.org.br/sobre-a-ama/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

BASTOS, Alice B. B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicologia em Informação*, São Paulo, v. 14, n. 14, p. 141–150, out. 2010. DOI: 10-18264/REP

BOCK, Ana M. B. et al. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2021.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (FCEE). Portal do Autismo. 2025. Disponível em: <https://www.fcee.sc.gov.br/portal-do-autismo/8-categoria-institucional/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

GUARESCHI, Pedrinho. A. A formação do psicólogo: dilemas e desafios. *Psicologia & Sociedade*, v. 17, n. 2, p. 18–23, 2005.

LANE, Silvia T. M. O processo grupal. In: LANE, Silvia T. M. e CODO, Wanderley (Ogrs.). *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 2, n. 1, p. 7–15, jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.4-147>

MARTINS, Sueli T. F. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sílvia Lane. *Psicologia e Sociedade*, 19 (esp. 2), 76-80, 2007.

NASCIMENTO, Iramar B.; BITENCOURT, Cristiano R.; FLEIG, Raquel. Estratégias para o transtorno do espectro autista: interação social e intervenções terapêuticas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, São Paulo, v. 70, n. 2, p. 12-17, abr./jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000326>

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O processo grupal*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

ZANELLI, José C.; BORGES-ANDRADE, Jairo E.; BASTOS, Antônio V. B. (Orgs.). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil [recurso eletrônico]*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM A PSICÓLOGA DA AMA DE VIDEIRA.

1. Qual seu nome completo? 2. Há quanto tempo você atua como psicóloga e há quanto tempo atua como psicóloga na AMA Videira? 3. Como você descreve a função da psicóloga que atua numa AMA? 4. Quais são os principais desafios em trabalhar com pessoas dentro do espectro autista? 5. Existe algum método ou técnica terapêutica que você utiliza com mais frequência com este público? 6. Como você lida com comportamentos desafiadores ou crises durante as sessões? 7. Existe um trabalho com as famílias dos atendidos? Como ele acontece? 8. Quais habilidades você considera fundamentais para um psicólogo que deseja trabalhar com o público TEA? 9. Elenque algumas dificuldades e facilidades em trabalhar com pessoas com TEA. 10. No seu ponto de vista, existe demandas emergentes e/ou urgentes da prática psicológica junto a este público?

Sobre o(s) autor(es)

(1) Acadêmica da 3ª fase do Curso de Psicologia, da UNOESC Campus de Videira. E-mail: rschoffen@hotmail.com

(2) Acadêmica da 3ª fase do Curso de Psicologia, da UNOESC Campus de Videira. E-mail: isabiella5678@gmail.com

(3) Acadêmica da 3ª fase do Curso de Psicologia, da UNOESC Campus de Videira. E-mail: grandoheloyze@gmail.com

(4) Pós-Doutorado em Psicologia Socioambiental pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP.USP). Docente na UNOESC Campus de Videira. E-mail: giancarlo.aguiar@unoesc.edu.br

Imagem 1 - Acesso a AMA de Videira



Fonte: As autoras (2025).

Imagem 2 - Fachada da AMA de Videira



Fonte: As autoras (2025).

Imagem 3 - Recepção da AMA de Videira



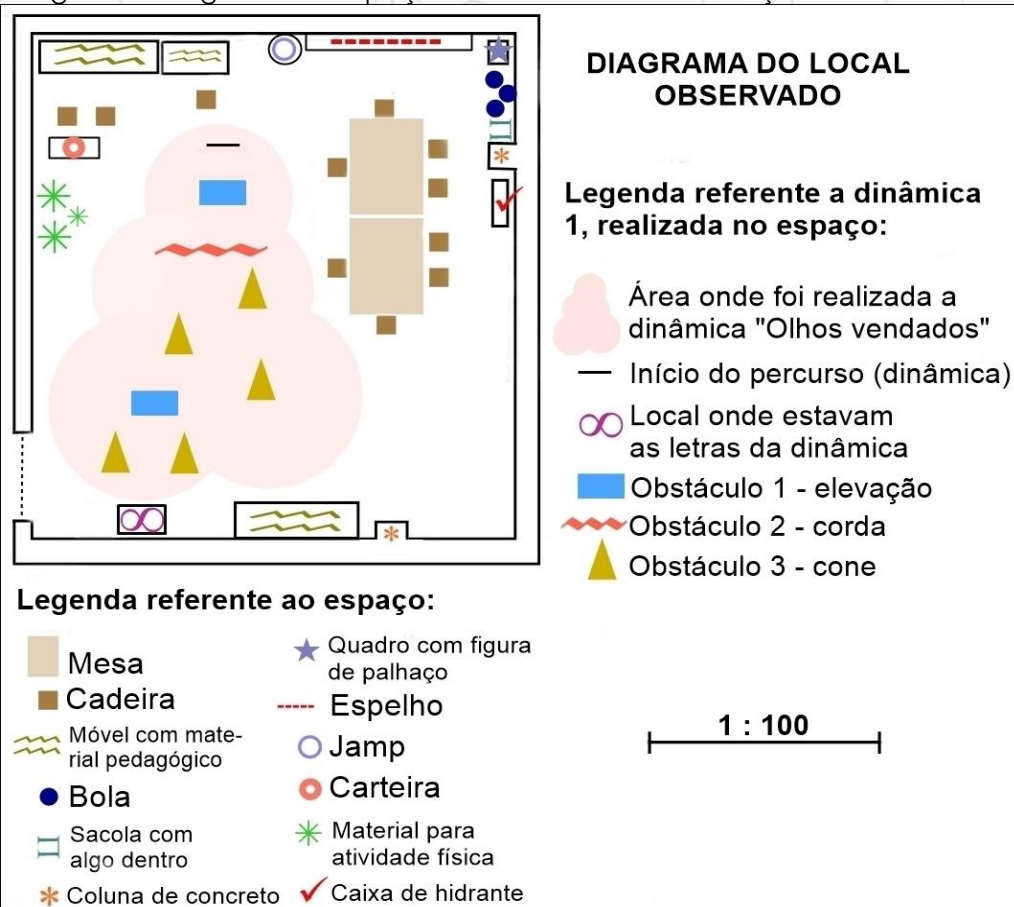
Fonte: As autoras (2025).

Imagem 4 - Acadêmicas, pedagoga e Psicóloga da AMA de Videira



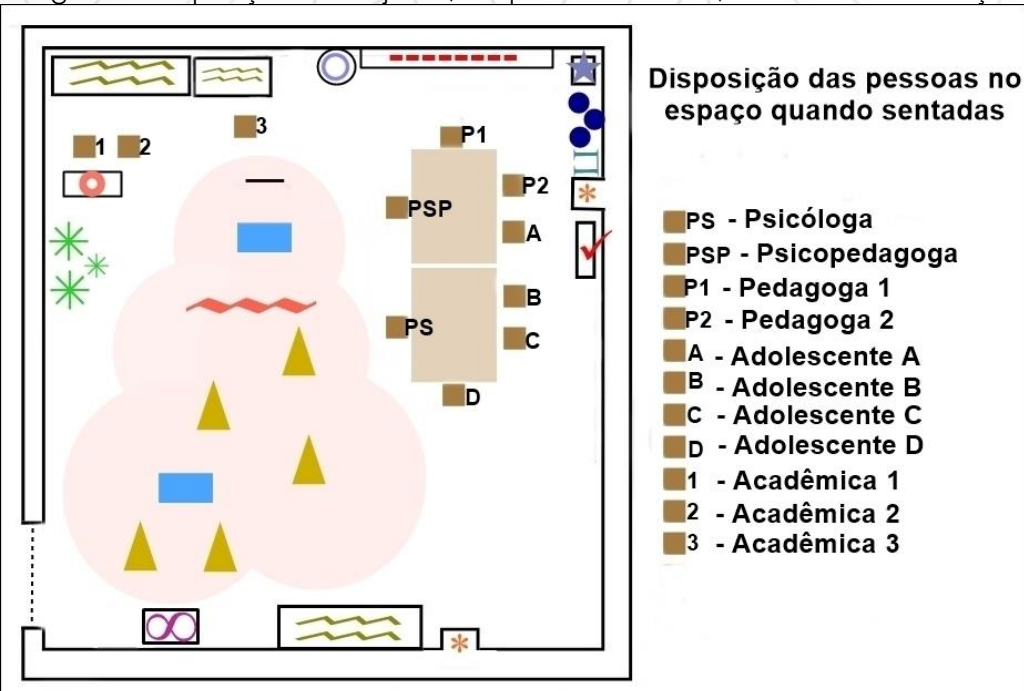
Fonte: As autoras (2025).

Imagem 5 - Diagrama do espaço onde ocorreu a intervenção com os adolescentes



Fonte: As autoras (2025).

Imagem 6 - Disposição dos sujeitos, enquanto sentados, durante a observação



Fonte: As autoras (2025).